

Tema: De heróis a vilões: a construção da imagem dos jogadores brasileiros durante a Copa do Mundo de 2010.¹Márlon Diego de Oliveira²Cristina Teixeira Vieira de Melo³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo trata da variação brusca da avaliação do desempenho futebolístico dos jogadores da seleção brasileira durante o período relacionado à Copa do Mundo de 2010. Com base em teorias bastante utilizadas no campo jornalístico, analisamos o modo como a Rede Globo noticiou a preparação do escrete canarinho para a Copa, a sua participação nela e sua consequente eliminação nas quartas de final, atentando para a perceptível mudança no tom da apreciação da performance da equipe após a derrota contra a Holanda.

Palavras-chave: Cobertura, Representatividade, Comunicação, Futebol.**1. Repercussão nada favorável.**

As atribuições dadas à seleção brasileira que defendeu o país na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, são no mínimo inusitadas, visto que elas apresentam uma considerável transformação entre o período anterior e o posterior à competição. No início, a crítica futebolística brasileira aparentava estar bastante empolgada com os expressivos resultados obtidos pela equipe, o seu interessante estilo de jogo e, apesar de objeções quanto à sua rígida filosofia de trabalho, a forma como Dunga armava o esquema tático do time e comandava a seleção passava confiança para quase todos os brasileiros. No entanto, a frustrante eliminação do Brasil perante a equipe da Holanda suscitou vários comentários de cunho negativo não somente para Dunga – pois geralmente a maior parte das críticas é

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: marlondiego17@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do CAC - UFPE, email: cristinateixeiravm@gmail.com

destinada ao técnico – como também “sobrou” para os jogadores, com destaque para Kaká e Felipe Melo, que passou a ser visto como um jogador descontrolado em campo.

Por isso, fiquei interessado em avaliar a evidente diferenciação na construção da imagem dos atletas brasileiros que participaram da copa de 2010 e, a fim de conseguir o meu intento, analiso 64 publicações, dentre elas notícias, artigos de opinião e entrevistas publicados no site do Globo Esporte e trechos de programas que foram veiculados no Fantástico, Sportv e Globo.tv. Pelo fato de a Rede Globo ostentar grandes índices de audiência em todo o território nacional, decidi avaliar o conteúdo noticioso por ela produzido, já que a maior parte da população brasileira acompanha a programação da emissora.

2. Contexto histórico

Apesar da forma conturbada como o técnico Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga) saiu do comando da seleção brasileira – após um resultado negativo contra a Holanda no dia 02/07/10, nas quartas de final da Copa do Mundo da África – ele pode-se gabar por ter tido uma passagem vencedora enquanto treinador da equipe. Após uma turbulenta eliminação nas quartas de final na Copa do Mundo de 2006⁴, a seleção brasileira precisava de um treinador que tivesse “pulso firme” para comandar a equipe, a fim de evitar as polêmicas a respeito do cotidiano do escrete canarinho. Por isso, naquela circunstância, o perfil de Dunga se adequava ao que o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, exigia em um técnico para a seleção. No entanto, o próprio Dunga ressaltou um fato importante na ocasião: ele não era técnico. Em uma entrevista concedida por ele mais de dois anos depois do insucesso e que foi ao ar no dia 11/11/2012 no programa Esporte Espetacular, ele enfatizou a questão no momento em que teve o seu primeiro contato pessoal com os jogadores da seleção ainda na Noruega, local da sua primeira partida como treinador da equipe: “Eu me lembro como hoje. Na Noruega, eu reuni, eu falei como ia ser a seleção brasileira, que a gente ia construir uma história juntos.

⁴ A Copa do Mundo de 2006, sediada na Alemanha, foi uma das mais conturbadas para a seleção brasileira. O favoritismo atribuído ao Brasil instigou a ocorrência de vários treinos com a presença de aproximadamente seis mil torcedores cada. Segundo Juninho Pernambucano, que foi convocado para disputar a competição, devido ao barulho da torcida, os atletas não ouviam as instruções dadas por Carlos Alberto Parreira, técnico da seleção naquela competição. Ademais, alguns jogadores aproveitavam as folgas após os jogos e curtiam festas até altas horas da noite.

Eu não era treinador. Não adiantava eu chegar ali e mentir pra eles que eu era treinador”(Verri, Carlos Caetano Bledorn, 2012)⁵.

Embora ele não tivesse passado por nenhuma experiência enquanto treinador, o “ex-capitão do tetra” soube portar-se muito bem no cargo. Suas dedicadas jornadas de trabalho à frente da equipe começaram a ser compensadas com a conquista de significativos resultados. De início, no dia 01/09/06, uma imponente goleada por 3x0 em um amistoso contra os tradicionais rivais argentinos motivou a imprensa e considerável parte da população brasileira, que ainda estava ressentida com o fracasso na Copa que ocorreu alguns meses antes em terras germânicas.

No ano seguinte, o Brasil conquistou a Copa América no momento em que a equipe sofreu várias modificações – já que atletas como Kaká e Ronaldinho Gaúcho, até então “estrelas” nas equipes em que jogavam, recusaram participar da competição ao alegarem que estariam cansados devido ao intenso número de jogos nos respectivos campeonatos que disputavam na Europa e, por isso, teriam menos dias de férias caso disputassem-na. Todavia, a seleção brasileira superou as ausências dos craques e sagrou-se campeã após mais uma goleada por 3x0 perante a Argentina, que chegara com pinta de campeã por vangloriar-se da presença de seus melhores jogadores no certame.

Em 2008, a performance da seleção não foi a esperada pela comissão técnica, imprensa e sociedade brasileira. A derrota por 3x0 sofrida contra a Argentina nas semifinais Olimpíadas de Pequim atrapalhou os planos de o país obter a primeira medalha de ouro no mundial da categoria em Jogos Olímpicos. Além disso, rotineiros tropeços diante de equipes menos expressivas – como o revés sofrido contra a Venezuela, que venceu o Brasil por 2x0 em um amistoso realizado nos Estados Unidos – quase culminaram na saída de Dunga do posto de comandante da seleção. Durante uma partida no Mineirão contra a Argentina, foi possível ouvir os insultos dos torcedores brasileiros que chamavam o comandante de “burro”. No entanto, o treinador conseguiu responder às críticas com vitórias interessantes e também com a momentânea permanência no segundo lugar entre as seleções sul-americanas que disputaram as eliminatórias para a Copa de 2010.

Já o ano de 2009 foi o mais promissor para o treinador à frente do time. A conquista da Copa das Confederações por parte da seleção brasileira e sucessiva classificação em primeiro lugar nas Eliminatórias da Copa da África do Sul após uma monumental vitória

⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2012/11/dunga-sobre-eliminacao-em-2010-passa-na-cabeca-eu-nem-olho-no-video.html> Acesso em: 11 de novembro de 2012.

fora de casa ante os argentinos por 3x1 concretizaram o favoritismo do Brasil para ganhar a Copa do ano seguinte e, conseqüentemente, entusiasmaram a crítica, que enchia de elogios os comandados por Dunga.

Por fim, o ano de 2010 era tido como o ano que ficaria marcado pelo auge da “Era Dunga⁶”: uma equipe disciplinada taticamente e bastante focada nos seus objetivos, ao contrário do time dirigido por Parreira em 2006 na Alemanha. Desta vez, não foram permitidas as entradas de torcedores nos treinamentos e fazia-se de tudo para que nem a imprensa tivesse acesso à preparação dos brasileiros; e a fim de evitar turbulências no ambiente extracampo, os jogadores não tinham folgas após as partidas disputadas, nem quando classificaram para as fases seguintes da competição. Com tanto empenho e uma equipe bem estruturada em campo, o Brasil era visto como favorito para vencer a competição.

3. Pressuposto teórico.

Antes de adentrar nas exemplificações relacionadas às notícias, é importante destacar que a prática jornalística é fundamental para manter a ágora (praça pública) moderna (VIZEU, 2005), porque ela seleciona os fatos mais importantes ocorridos em uma região, os detalha e ainda destaca o contexto concernente à questão, a fim de que o leitor, ouvinte ou telespectador compreenda a situação descrita.

A mídia, dentro de nosso contexto social, exerce uma importante função de tornar públicas as temáticas que serão comentadas e discutidas pela população. Ela pode ser considerada como o lugar onde as sociedades industriais produzem as suas realidades (VERÓN, 1995). Um bom exemplo disso é a hipótese do “agendamento”, que sustenta que as pessoas agendam suas conversas e seus assuntos de acordo com o que é veiculado pelos meios de comunicação (McCOMBS;SHAW, 1993).

Por isso, é preciso ater-se aos impactos que as representações simbólicas dos meios de comunicação têm na percepção subjetiva da realidade social. Uma informação lançada em algum tradicional veículo de comunicação, além de trazer consigo uma grande

⁶ A expressão “era Dunga” foi utilizada pra representar duas circunstâncias antagônicas para o comandante à frente da equipe: quando a seleção brasileira tinha conquistado títulos, liderava as Eliminatórias para a Copa e demonstrava um belo padrão de jogo, ela era usada para elogiar o trabalho do treinador. Entretanto, após a eliminação contra a Holanda, ela foi empregada para difamar a atuação do técnico à frente da seleção.

repercussão, pode deformar a imagem de um atleta, uma celebridade, uma empresa, entre outros.

Segundo Lorenzo Gomis (1991), os meios de comunicação precisam proporcionar ao consumidor da notícia um presente social incessante, algo que seja inusitado a ponto de impressionar, e também que seja antigo com o intuito de que o público venha a compreendê-lo e analisá-lo. A partir da ideia de que o jornalismo atua como unificador de um período – e também do detalhamento de um fato em notícias cotidianas – deduz-se que a existência da notícia e sua interpretação no âmbito social são imprescindíveis a fim de que ela possua a ideia do “presente” como uma correspondência com o mundo.

Também se deve levar em consideração que, para um fato ser interpretado pelo público do veículo, a realidade mediatizada precisa ser de fácil compreensão, visando ao entendimento dos diversos grupos existentes em uma sociedade, e também que aquela deve ser enquadrada de maneira adequada por parte do profissional que a produz, isto é, ela necessita ser veiculada de maneira coerente ao espaço que o suporte (televisão, rádio, revista, jornal, entre outros) a proporciona. Além disso, o público, ao ter acesso à realidade mediatizada, está recebendo uma informação que foi submetida a uma série de filtros que irão moldar o fato com o objetivo de que ele se torne uma questão retratada em um gênero jornalístico – notícia, coluna, editorial, etc.

Quanto à interpretação jornalística, o instante crucial se dá quando há a transposição de um fato ao caráter de notícia. Nesse caso, esse isolamento de ordem linguística de um fato ocorre devido à exigência de se conduzir o fato de seu habitat – a realidade social – a uma realidade mediada. Após a realização desse processo, o público passa a conhecer e, geralmente, busca saber ainda mais a respeito de uma realidade que nem sempre está ao seu alcance. Desse modo, é nesse instante em que o discurso passa por mediações, sofre a perda da imparcialidade tão defendida pelos manuais de redação e abre espaço à existência de uma parcialidade ainda que implícita no texto jornalístico (TEIXEIRA; MELLO; MORAIS, 2000).

Assim, os meios apresentam um fato ocorrido como algo não findado e, dessa forma, sincronizam o presente com fatos já sucedidos, outros que estão ocorrendo e outros que ainda irão acontecer.

4. Atribuições justas ou contraditórias?

A análise discursiva do corpus deixa clara a demonstração de seus juízos de valor acerca do desempenho da seleção brasileira durante a consolidação da classificação para a Copa do Mundo de 2010 e a eliminação nas quartas de final da competição. Subitamente, a seleção que era tida como favorita – apesar das falhas que a equipe possuía – passou a ser classificada como um time limitado nas questões técnica e tática, e que estava sob a batuta de um comandante arrogante, com postura descontrolada, e que tentou transformar jogadores conhecidos pelo seu senso de humor em um verdadeiro exército. Portanto, até que ponto pode-se afirmar que essas características foram atribuídas de forma precisa? Será que existiu um exagero da crítica ao tecer numerosos comentários negativos à seleção ou eles deviam ser efetuados em um tom tão feroz?

5. Enquadramentos controversos

No período anterior à Copa, a mídia brasileira de um modo geral se mostrava bastante empolgada com o desempenho da equipe nos gramados. Sempre que podiam, os jornalistas entusiasmados com o momento da seleção a enalteciam de tal forma que os leitores e telespectadores eram induzidos a afirmar que o Brasil seria campeão da competição – fato que resultaria no terceiro título conquistado na Era Dunga e que, concomitantemente, consagraria o trabalho do treinador e da sua comissão técnica à frente do elenco. Eram tantos os comentários e indagações acerca do favoritismo que o Dunga, ainda no dia 18/11/09, acabou “cedendo” à pressão da imprensa e comentando que a equipe teria que saber conviver com esse status. “Temos que saber conviver com isso (favoritismo). O Brasil é sempre favorito. Às vezes, passam alguns períodos em que surgem outras seleções, mas o Brasil vai sempre estar com destaque” Entretanto, ele não deixava de ressaltar a importância da equipe manter o comprometimento e não se envaidecer com a bela campanha que estava sendo efetuada: “favoritismo não nos leva a lugar algum, temos que ir pra dentro de campo e comprovar tudo isso”. A notícia que trazia consigo as declarações de Dunga era tão otimista que o seu lead foi construído da seguinte forma:

“Dunga sempre rejeitou o rótulo de favorita para a seleção brasileira. Mas, aos poucos, o treinador começa a admitir que seu time não tem como fugir dos olhos do mundo na Copa de 2010, na África do Sul. Após a vitória por 2 a 0 sobre Omã, em Mascate, último amistoso da temporada, o treinador reconheceu que ele

e os jogadores precisam conviver com a pressão por mais um título mundial”.
(FERRARI, Carlos Augusto, 2009)⁷

Ao usar a expressão “o rótulo de favorita”, o redator da notícia externa sua confiança com um tom de euforia para com as ótimas atuações da seleção brasileira até o momento.

E não era somente Dunga que reconhecia a posição alcançada pelo time naquela circunstância. Uma pesquisa feita pela FIFA apontava Brasil e Espanha como as equipes que seriam as mais temidas na Copa do Ano seguinte⁸. Fábio Capello, técnico da forte e tradicional seleção inglesa na épica, destacou a seleção brasileira como uma das mais cotadas a conquistar o título quando disse que “a Espanha é boa, e o Brasil é muito, muito bom”⁹, o atacante David Villa, titular da seleção espanhola, também foi polêmico: pensando em chegar longe no mundial (coincidentemente ou não, a sua equipe foi campeã do torneio), ele afirmou que não queria enfrentar o Brasil nas oitavas de final da Copa do Mundo¹⁰, pois sabia que seria páreo duro para a seleção espanhola.

O trabalho do técnico Dunga era realmente considerado bastante satisfatório. Um dos pontos a ser considerados é o fato de que no dia 11/09/09, nove meses antes da competição, o treinador já havia definido boa parte do elenco que disputaria a Copa no ano seguinte¹¹, algo que explicita a seriedade do técnico no que diz respeito ao seu trabalho na equipe. Sem dúvida, o entrosamento existente entre os atletas era um dos motivos do Brasil ter sido tão elogiado por Capello.

Por fim, o tão esperado ano de 2010 chegara e o prognóstico do ano passado era mantido: a convocação dos jogadores que disputariam a competição foi uma das mais

⁷ Disponível em: http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao_Brasileira/0,,MUL1382824-15071,00.html Acesso em: 12 de outubro de 2012.

⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1397360-9842,00-BRASIL+E+ESPANHA+SAO+OS+MAIS+TEMIDOS+NA+COPA+DE+DIZ+PESQUISA+DA+FIFA.html> Acesso em: 15 de outubro de 2012

⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1403177-17852,00CAPELLO+BRASIL+E+MUITO+BOM.html> Acesso em: 15 de outubro de 2012

¹⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1403926-17852,00-DAVID+VILLA+DA+ESPANHA+TEME+PEGAR+O+BRASIL+NAS+OITAVAS+DA+COPA+DO+MUNDO.html> Acesso em: 15 de outubro de 2012

¹¹ O fato de a lista sofrer poucas modificações não é frequente na seleção. Um exemplo disso foi a convocação dos atletas para a Copa de 2002, pois nela o meia Marcelinho Paraíba foi deixado de fora após ter ouvido o técnico Luís Felipe Scolari falar dias antes do anúncio que ele seria um dos integrantes na lista dos jogadores que buscariam o pentacampeonato no Japão.

previsíveis da história das seleções, caso que evidencia o entrosamento existente entre os atletas do elenco. Apesar de reconhecerem as forças de equipes como Inglaterra, Espanha, França e Itália, expõem alguns defeitos do Brasil e contestam a presença de alguns atletas, os comentaristas esportivos não deixaram de ter a seleção brasileira como favorita ao título. Várias notícias em tom de otimismo foram publicadas nos meses antecedentes ao certame. Dentre elas, algumas podem ser destacadas: no dia 26/05/10, uma notícia publicada no GloboEsporte.com realçou que o elenco brasileiro possuía oito jogadores (quase um time) que poderiam atuar em mais de uma função, fato que podia ser proveitoso em jogos mais acirrados; no dia 15/06, uma notícia também publicada no site do GloboEsporte.com mostra a empolgação dos jornalistas com relação à futura campanha do time: segundo o jornalista Leandro Canônico, a seleção brasileira apresentava dois grupos de “big Five” para a Copa: o primeiro, formado por Kaká, Luís Fabiano, Julio Cesar, Maicon e Robinho – jogadores que tinham qualidade para desequilibrar uma partida – e o segundo, composto por Lucio, Elano, Juan, Felipe Melo e Gilberto Silva, atletas que davam o suporte necessário para os jogadores diferenciados brilharem com seu futebol. Os primeiros parágrafos da publicação foram escritos desta forma:

“Leão, elefante, búfalo, leopardo e rinoceronte. Esses cinco mamíferos formam o “Big Five”, grupo dos animais selvagens de grande porte mais difíceis de serem caçados pelo homem. Usando a metáfora, a seleção brasileira também tem o seu “Big Five”. Ou melhor, o time do técnico Dunga tem dois. Um grupo é formado por aqueles que fazem a diferença. Os cérebros da equipe, aqueles jogadores que em um momento de inspiração podem mudar a partida. São eles Kaká, Robinho, Julio Cesar, Elano e Maicon. Todos destaques nos clubes onde jogam. Todos capazes de serem protagonistas. Por outro lado, há um big Five mecânico, porém igualmente importante em sua equipe. São eles que podem dar o suporte para que os personagens principais possam usar e abusar de suas qualidades. Nesse caso, formam esse grupo Lucio, Juan, Elano, Felipe Melo e Gilberto Silva” (CANÔNICO, Leandro, 2010)¹².

Ao fazer a comparação entre o “Big Five” formado pelos animais selvagens nativos da região e os dois grupos de “Big Five” presentes no time titular do Brasil, torna-se explícito que a equipe ligada ao site estava confiante em uma excelente atuação da equipe. E como já foi citado, grande parte dos torcedores brasileiros estava confiante em mais um título mundial do selecionado brasileiro. Conforme um estudo conduzido pelo Ibope Inteligência e a Worldwide Independent Network, 67% dos torcedores do país acreditavam que o escrete canarinho ganharia o hexacampeonato, número que atesta a elevada autoestima dos brasileiros para com a seleção.

¹² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/06/selecao-brasileira-apresenta-dois-grupos-de-big-five-na-copa.html> Acesso em: 29 de outubro de 2012.

Quanto à campanha desempenhada pela seleção no mundial, embora tenha empatado a última partida da primeira fase por 0x0 contra os portugueses, o Brasil não teve muitas dificuldades para garantir a classificação como primeiro colocado na chave. Nas oitavas, a seleção “despachou” o Chile com um imponente 3x0 e mostrava sinais de que teria condições de vencer a competição. Contudo, nas quartas de final, o inesperado aconteceu. Após a seleção ter aberto o placar contra a Holanda e realizado um ótimo primeiro tempo, uma espécie de “apagão” atormentou o Brasil, que marcou o seu primeiro gol contra na história dos mundiais, sofreu o gol da virada e perdeu para a laranja mecânica por 2x1. O infortúnio foi tão inesperado que nem os jogadores, nem os jornalistas conseguiram explicar racionalmente o motivo da queda brusca de rendimento depois da equipe ter se portado de forma quase perfeita na primeira etapa. Portanto, como de costume no mundo do futebol, a maior parcela da culpa foi jogada para o técnico Dunga, já que o até então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, tentou se eximir da sua responsabilidade e criticou o técnico do Brasil em uma entrevista ao programa Bem, amigos, da Sportv. Quando foi perguntado por que ele não havia tirado o técnico antes, e se faltou um planejamento de renovação da seleção, ele respondeu da seguinte maneira: “eu não tenho tempo, porque quando eu atravesso o oceano, eu não tenho mais como voltar”. Logo, o comandante foi o mais prejudicado na história, e a imprensa passou a associá-lo a um vilão, uma pessoa que não tinha bom senso para ocupar um cargo tão notório quanto o assumido por ele.

Porém, vale salientar que a relação de Dunga com a imprensa nunca foi salutar. Ocasionalmente, ele era criticado de forma voraz devido ao seu conhecido estilo sereno e por, segundo o próprio técnico, ele falar o que a mídia não quer ouvir. Nem quando a equipe correspondia ao extremo dentro de campo, a imprensa ficava amplamente satisfeita com a conduta do técnico. A respeito disso, o ex-treinador mostrou-se conformado com a ocasião ao conceder uma entrevista dois anos e quatro meses após a frustrante eliminação ao Esporte Espetacular. “A verdade tem que ser dita. Nunca o convívio entre o jornalista e o treinador da seleção brasileira vai ser ótimo, porque cada um tem interesse, e tem a polêmica que é normal. Cada um faz seu trabalho”.

Meses antes do início do mundial, considerável parcela da mídia esportiva clamava pela entrada de Ronaldinho Gaúcho e Adriano na equipe, e os atletas santistas Neymar e Paulo Henrique Ganso na equipe, Porém, o técnico preferiu não convocá-los e manteve os

jogadores que tinha escolhido para o mundial da África do Sul¹³. Além disso, a filosofia implementada por Dunga era de uma equipe bastante concentrada nos seus objetivos. Por isso, ele excluiu as folgas periódicas que eram dadas aos jogadores após os jogos da Copa, já que muitos deles transformavam-nas em grandes noites. Meses antes do retiro para a Copa, o Globoesporte.com já noticiava o fato em tom de consentimento com as atitudes tomadas pelo treinador:

“Quando Dunga foi anunciado como o novo técnico da seleção brasileira após a Copa do Mundo de 2006 muitos torcedores duvidavam que ele teria sucesso ou chegaria a 2010. A equipe estava em crise com o fracasso na Alemanha e o ex-jogador não tinha experiência no cargo. Mas, após três anos e meio de trabalho, o treinador superou desconfiças, ganhou espaço e formou um grupo confiante para disputar o hexa na África do Sul. As críticas parecem que sempre vão existir para quem ocupar o cargo: O clamor por Ronaldinho Gaúcho é a bola da vez. O estilo truculento, sem papas na língua, também gerou uma certa antipatia na imprensa e nos bastidores da CBF. No entanto, após 53 partidas e dois títulos importantes no currículo - a Copa América de 2007 e a Copa das Confederações de 2009 -, Dunga chega forte e com carta branca para o Mundial. O treinador já avisou que vai isolar os jogadores e acabar com o fantasma de “Weggis”. A preparação da seleção, na Suíça, para a última Copa ficou marcada pelo clima de oba-oba e desleixo do grupo, que aproveitava as folgas em grandes noites”(LAVINAS, Thiago, 2010)¹⁴

Ao se observar a expressão “*mas, após três anos e meio de trabalho, o treinador superou desconfiças, ganhou espaço e formou um grupo confiante para disputar o hexa na África do Sul*”, é notório que o jornalista, apesar de ressaltar o estilo “truculento” do técnico, não deixa de elogiar o trabalho desempenhado pelo comandante e de confiar na equipe montada por ele para a disputa do mundial. Embora a matéria analisada tenha tolerado a ocorrência de um regime intenso de concentração, semanas antes da Copa, os jornalistas ficaram muito chateados ao saberem que não poderiam ter os anteriores convívios com os jogadores e comissão técnica, pois na era Dunga a imprensa tinha acesso a apenas 15 minutos dos treinamentos diários, já que o regulamento da FIFA obrigava-o a

¹³ Com a alegação de que Neymar e Ganso haviam se destacado apenas momentos antes do último amistoso do Brasil – que foi realizado em março – Dunga preferiu não arriscar inserir os dois jogadores no elenco que jogaria a copa. Já Adriano e Ronaldinho Gaúcho não estavam com as performances que encantaram o mundo nos anos de 2004 e 2005, e Dunga preferiu não convocá-los.

¹⁴ Disponível em:

http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao_Brasileira/0,,MUL1515682-15071,00-COM+O+GRUPO+DEFINIDO+PARA+A+COPA+DUNGA+SUPERA+CRITICAS+E+INICIA+RETIRO,h tml Acesso em: 8 de novembro de 2012.

permitir a entrada dos profissionais durante o tempo estipulado¹⁵, e não podiam efetuar as entrevistas exclusivas que eram comuns em outras épocas¹⁶.

Com o decorrer da copa, o ambiente de tensão foi agravado com outros desgastes entre o técnico e a imprensa. Pequenos contratempos foram transformados em balbúrdias. Um mal entendido entre o treinador e o jornalista Alex Escobar, vinculado à Rede Globo, trouxe ainda mais “tempero” para o conturbado relacionamento entre ambas as partes. No momento em que Dunga respondia uma pergunta em uma coletiva sobre a não saída de Luís Fabiano do time titular, o treinador observou que Escobar gesticulava negativamente com a cabeça. Então, ele perguntou ao jornalista se havia algum problema. Escobar disse que não. Depois disso, a emissora publicou uma matéria aliando aspereza e sutileza não somente com o intuito de criticar o técnico Dunga, mas também buscando difamar a sua imagem perante a opinião pública brasileira. O episódio foi noticiado no Jornal Nacional do dia 15/06/10, com o jornalista Tadeu Schmidt emitindo a seguinte opinião: “o técnico Dunga, no comando da seleção há quase quatro anos, não apresenta nas entrevistas o comportamento de alguém tão vitorioso no esporte. Com frequência, usa frases grosseiras e irônicas. Hoje, depois de uma vitória incontestável, mais uma vez foi assim”. Ao empregar as expressões “*não apresenta nas entrevistas*” e “*com frequência*”, o repórter consegue emitir, ainda que de forma implícita, as suas ásperas objeções ao modo como Dunga se comporta em coletivas (SCHMIDT, Tadeu, 2010)¹⁷.

A partir desses casos, é visível que a imprensa passava a tecer duros comentários sobre o comportamento atribuído como arrogante por parte do técnico. O feito de alguém valente, empenhado e vencedor tão pedido por ela quando o Brasil tinha sido eliminado na Alemanha foi totalmente esquecido. Como ela não podia tirá-lo do cargo, ela aproveitou-se da eliminação do Brasil para imputar-lhe um caráter de técnico grosseiro, um verdadeiro general no comando da equipe, que deixara de ter a famosa irreverência que antes era possível de ser visualizada através de um futebol ousado e descontraído para possuir uma rigorosa forma de jogar, ou, de acordo com a crônica apresentada pelo Sportv no dia

¹⁵ Visto que só é permitida a realização de um treino fechados antes dos jogos, a CBF recebeu uma advertência da FIFA, já que a delegação brasileira descumpriu as regulamentações da entidade.

¹⁶ Sobre esse tópico, é relevante frisar que, em outras competições, os repórteres costumavam conversar com os jogadores no saguão do hotel, segui-los nas suas horas de folga e até, com a alegação de produzir conteúdo significativo para a sociedade, invadir a privacidade dos atletas ao tentar entrar nos quartos em que eles ficavam hospedados e entrevistá-los nos seus locais de descanso.

¹⁷ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=mm_yn4-1QN4 Acesso em: 8 de outubro de 2012.

02/07/10, narrada por Ingo Ostrovsky, “o Brasil que se apaga na noite é cópia fiel do seu comandante. Vigor que se apaga com truculência, ira, que beira à loucura”(OSTROVSKY, Ingo, 2010). Com o uso da expressão “*cópia fiel do seu comandante*”, a emissora acabava de romper com a falsa impressão de que ela estaria ao lado do treinador e atribui a ele a maior parte da culpa pela eliminação. Ingo continuou, de forma ainda mais enfática, a criticar os comandados por Dunga do seguinte modo: “em breve (2014) tem mais. Para nos lembrarmos de que o Brasil e os brasileiros são maiores de que a fúria e o rancor de alguns” (OSTROVSKY, Ingo, 2010)¹⁸. Portanto, ela considerou o seu estilo ultrapassado e depois lhe deu um tratamento totalmente avesso à forma como ele era visto meses antes da Copa iniciar.

Quanto à representação dada aos jogadores após a Copa, diferentemente do espírito esportivo, aquele que ressalta a ideia de que quando ocorre uma derrota, todos são culpados, os atletas da seleção tiveram variadas apreciações com relação ao futebol demonstrado por eles em campo. No grupo dos que não foram atribuídos como culpados, podemos citar a presença dos jogadores Julio Cesar, Maicon, Elano e Ramires – apesar do primeiro ter falhado no gol de empate da Holanda, ele continuou sendo visto como o atual melhor goleiro do mundo; o segundo escalão foi tido como o rol dos desprezados: como atuaram pouco na competição, foram a priori criticados pela mídia, e depois deixados de lado por ela. Entre eles, podemos citar Josué e Kléberson; já a terceira lista era formada pelos que foram muito criticados pela imprensa: já que, com exceção de Felipe Melo, todos eram tidos como diferenciados, havia uma cobrança muito grande em cima deles. Eles tinham que decidir as partidas. Visto que isso não aconteceu no jogo contra a Holanda – para Kaká, por exemplo, as críticas existiram durante quase toda a copa – eles foram muito criticados e um deles (Felipe Melo) passou a ser tido como vilão para os jornalistas. Nessa categoria, além dos citados, estão Robinho e Luís Fabiano, aquele por, conforme a mídia, ter perdido a alegria de jogar em detrimento de um tom de seriedade com requintes de tirania, e este por não estar vivenciando uma boa fase na sua carreira. Embora todos tenham sua parcela de culpa, no que concerne aos atletas, a imprensa concentrou seus esforços em destacar as falhas de Felipe Melo na competição e exageraram no momento em que o criticaram.

¹⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=v6SvbbaWxS8> Acesso em: 7 de outubro de 2012. Ainda com relação à crônica, é importante observarmos que quando Ingo explanava a palavra “fúria”, a imagem de Dunga aparecia instantaneamente como uma espécie de plano de fundo, e no momento em que ele disse a expressão “rancor de alguns”, surgia a imagem de Felipe Melo correndo para descer ao vestiário após a sua expulsão na partida que desclassificou o Brasil

Devido à enorme repercussão dada à expulsão de Felipe Melo, é interessante detalharmos um pouco mais a sua passagem pela seleção. Ele foi convocado pela primeira vez por Dunga em janeiro de 2009 para um amistoso contra a Itália. Apesar das desconfianças da crítica, o jogador fez uma boa partida e foi conquistando o seu espaço na equipe de tal forma que antes do ano encerrar ele já era tido como o comandante da contenção no meio campo do time brasileiro. No dia 03/09/09, o Globoesporte.com noticiou uma matéria que resumia a momentânea passagem do volante pela seleção.

“Felipe Melo estreou na seleção principal na vitória sobre a Itália, no primeiro amistoso deste ano. Desde então, não saiu mais do time titular. O volante não foi sequer substituído. Até agora foram 11 jogos (dez vitórias e um empate) e dois gols. Um contra o Peru, nas eliminatórias, e outro contra os Estados Unidos, na Copa das Confederações. Mas o jogador do Juventus não se considera garantido no grupo da Copa do Mundo de 2010.” (LAVINAS, Thiago; PEIXOTO, Eduardo, 2009)¹⁹

A partir da leitura do lead desta notícia, nota-se que ele gozava de uma boa apreciação por parte da crítica da emissora e, ademais, era tido como peça fundamental no elenco.

Entretanto, ele não vinha jogando tão bem como poderia na Juventus, equipe em que atuava e era acusado de errar passes e ser um jogador lento. Mas, ainda assim, o técnico Dunga confiava em seu trabalho e continuou chamando-o para defender a seleção na Copa do Mundo. Com o desenrolar dos jogos, Felipe não tinha atuações de gala, mas também não comprometia o funcionamento do time. A notícia publicada no dia 15/06 pelo Globoesporte.com faz uma precisa descrição a respeito da trajetória do atleta com a camisa amarelinha:

“Quando Felipe Melo foi convocado pela primeira vez por Dunga, em janeiro de 2009, a surpresa foi geral. Ele estava bem no Fiorentina, da Itália, mas mesmo assim sua presença na lista da seleção brasileira foi contestada. Em pouco tempo, porém, ele ganhou espaço e virou o comandante da contenção no meio campo. Seu bom rendimento no clube, aliado ao desempenho na seleção brasileira, fez com que o Juventus, um dos times mais tradicionais da Itália, fosse atrás dele. Mas até agora, Felipe Melo não conseguiu repetir em Turim o mesmo rendimento de antes. Por isso, ele chega à Copa do Mundo sob certa desconfiança”(CANÔNICO, Leandro, 2010)²⁰.

Porém, um gol contra na partida contra a Holanda e uma entrada forte que culminou na sua expulsão na mesma partida fizeram com que a imprensa o apontasse como um dos

¹⁹ Disponível em:

http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao_Brasileira/0,,MUL1291338-15071,00-FELIPE+MELO+NAO+SE+CONSIDERA+GARANTIDO+NA+COPA+DO+MUNDO+DE.html Acesso em: 4 de novembro de 2012.

²⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/06/contestado-felipe-melo-assume-papel-de-dunga-na-copa-de-2010.html> Acesso em: 6 de novembro de 2012.

grandes culpados pela eliminação. Um dos que fez duras críticas ao atleta foi o jornalista Marcos Uchôa, em uma análise para o site MemóriaGlobo. “Felipe Melo sempre foi famoso por dar muitos pontapés. Resolveu não decepcionar os críticos. Foi expulso, não pela falta em Robben, mas sim pela violência gratuita”²¹ (UCHÔA, Marcos, 2010), comentou o jornalista em tom de descontentamento. Com o uso da expressão “*Felipe Melo sempre foi famoso por dar muitos pontapés*” o jornalista distorce a imagem que foi construída pelos seus colegas de emissora – comentaristas e jornalistas – a respeito do volante desde a sua estreia em janeiro de 2009 a sua última partida com a camisa da seleção.

6. Tendência ao exagero

Portanto, a partir de minhas avaliações iniciais, notei que a mídia brasileira propende à deificação de personagens ou até ao conformismo com a presença de algumas pessoas que estão à frente de um projeto, embora ela não se identifique com este alguém. Ainda que seja um ambiente que preze pela precisão das opiniões e pela qualidade do conteúdo divulgado, a garantia e a manutenção do sucesso são fortes estimulantes para a promoção da boa imagem na praça pública chamada Jornalismo. Porém, quando a pessoa envolvida na cobertura fracassa, a imprensa, de um modo geral, tende a esquecer das suas contribuições a respeito de uma questão e desconstruir a sua imagem de herói, ou até a imputar-lhe um caráter de ser desprezível.

²¹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-278433,00.html>
Acesso: 15 de dezembro de 2012.

7. Referências

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; GOMES. I. M. A.M.; MORAIS. W.P., **De passeata a agressão** – o percurso discursivo da notícia. Cadernos de Linguagem e Sociedade (Brasília), Brasília, v.4, p. 111-121, 2000.

GOMÍS, L. **Teoria del periodismo**: como se forma el presente. México: Paidós Comunicación.

VIZEU, A., Jornalismo e representações sociais: perspectiva teóricas e metodológicas. InTextos, Porto Alegre, v.12, n.xxxxxxxxxx, p. xxxxx-xxxxx, 2005.

VERÓN, E **Construir el acontecimiento**. 2.ed. Barcelona: Gedisa, 1995.

McCombs; M.E.; SHAW, D.L. The evolution of agenda setting: twenty five years in the marketplace ideas. **Journal of Communication**, Oxford, v.43, n.2, p.58-67, 1993.